

# **Dr. Jeffrey Hudon, Arqueologia Bíblica, Sessão 23, Arqueologia e os Manuscritos do Mar Morto, Parte 1**

© 2024 Jeffrey Hudon e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Jeffrey Hudon em seu ensino sobre arqueologia bíblica. Esta é a sessão 23, Arqueologia e os Manuscritos do Mar Morto, Parte 1.

Há poucas dúvidas nas mentes da maioria dos estudiosos bíblicos e arqueólogos, estudiosos bíblicos e arqueólogos de que a descoberta e recuperação dos Manuscritos do Mar Morto constituem provavelmente a maior descoberta arqueológica relacionada a a Bíblia nos tempos modernos.

Os Manuscritos do Mar Morto compreendem quase 1.000 fragmentos de quase 1.000 manuscritos, bem como vários manuscritos quase completos da Bíblia, de comentários e de literatura sectária datados nos séculos imediatamente anteriores e logo após a virada da era. Eles foram encontrados ao longo de vários anos perto da costa noroeste do Mar Morto, perto de um local chamado Khirbet Qumran. E vemos aqui uma imagem de pelo menos uma das cavernas, a caverna número quatro, e as ruínas reais de Qumran estão nesta área aqui.

Esta é a escarpa no deserto da Judéia. Duas peças do famoso pergaminho de cobre foram descobertas após sua descoberta. É realmente o único pergaminho completo encontrado por arqueólogos e não pelos beduínos. Descompactaremos isso em breve.

Mais uma vez, aqui estão alguns breves fatos sobre o deserto da Judéia. Esse é o Hamidbar bíblico, Midbar Yehuda. Estas são, novamente, algumas cenas de observação da estrada para Jerusalém e da paisagem do deserto.

E novamente, do Monte Scopus ao leste, com vista para o deserto também. Ok, os próprios pergaminhos foram encontrados em uma série de pelo menos 12 cavernas, provavelmente muitas, muitas mais. Mas há uma história muito anterior ao local de Khirbet Qumran.

E tentaremos descompactar isso e então seguir em frente com nossa descrição. Khirbet Qumran, como mencionamos em uma palestra anterior, foi provavelmente uma das cidades do deserto ou distrito desértico da porção tribal de Judá. Algumas pessoas acreditam em Sakaka, mas também existem outras sugestões e teorias.

Esta é novamente uma planta superior das ruínas de Qumran, tal como foram originalmente escavadas pelos dominicanos na Ecole biblique. Temos novamente canais de água que traziam água das barragens ao longo da escarpa para o local. Esta é novamente uma foto de algumas das escavações próximas em En Gedi e também em um local que é a Cidade do Sal, Ir ha Melek, bem ao longo da costa do Mar Morto.

Novamente, ambos remontam ao Antigo Testamento e ao próprio Qumran. Excelente trabalho para estudar a história dos Manuscritos do Mar Morto é de Weston Fields, que faleceu recentemente, e o volume um já foi lançado.

Esperamos que o volume dois apareça em algum momento. Ele descreve uma explicação muito detalhada da história da descoberta dos pergaminhos e de sua decifração inicial. É bastante surpreendente para muitas pessoas que a descoberta dos Manuscritos do Mar Morto novamente, que aconteceu por volta de 1947, não seja a primeira vez que manuscritos foram encontrados no deserto da Judéia, perto da origem do Mar Morto.

O líder cristão, os líderes cristãos dos séculos II e III relataram a descoberta de um manuscrito antigo junto com outros livros hebraicos e gregos em uma jarra perto de Jericó. Novamente, Jericó, pouco depois ou ao norte de Khirbet Qumran. Então, esta é, novamente, uma referência muito antiga a manuscritos encontrados em potes.

Em segundo lugar, Timóteo, patriarca de Selêucia, também relata o seguinte. Ele soube por um judeu de confiança que alguns livros foram encontrados há alguns anos numa rocha perto de Jericó. Depois que um caçador seguiu seu cachorro até uma caverna e encontrou uma câmara contendo muitos livros, os judeus de Jerusalém investigaram e encontraram livros do Antigo Testamento e outros em escrita hebraica.

E temos outro, outro cavalheiro; Não vou pronunciar o nome dele, Yacoub alguma coisa, em 950, cerca de um século depois de Timóteo ser um estudioso ou historiador karita, descreveu as doutrinas do grupo judeu chamado povo das cavernas que ele afirmava estarem contidas em livros escondidos em uma caverna. Portanto, há vários exemplos de livros ou pergaminhos encontrados em cavernas ou em algum lugar nas proximidades de Qumran antes de 1947, quando o primeiro grupo de Manuscritos do Mar Morto foi encontrado. Finalmente, na década de 1930, a Fábrica de Potassa do Mar Morto, na costa norte do Mar Morto, um assentamento judeu, beduíno local, e este é da tribo Tamir, vendeu antiguidades, moedas e cerâmica aos trabalhadores do assentamento e ofereceu levá-los para ver cavernas que contêm livros da época de seus reis por mais algumas piastras.

Não sei se algum dos trabalhadores aceitou a oferta, mas isso, novamente, é uma referência a possíveis pergaminhos próximos nesta área. Temos também o relato de

Moses Wilhelm Shapira, que era Jerusalém e negociante de antiguidades na Cidade Velha no século XIX. Ele era bastante conhecido por vender antiguidades a turistas e museus.

Ele alegou ter encontrado manuscritos, manuscritos de couro ou tiras, devo dizer, destes na costa oriental do Mar Morto. Ele alegou que esses manuscritos continham uma versão antiga do Deuteronômio e datou-os de 850 aC. Ele então quis oferecê-los ao Museu Britânico pela soma principesca de um milhão de libras esterlinas.

Estudiosos examinaram essas tiras de couro na Inglaterra e alegaram que eram falsificações, talvez amplas margens de rolos da Torá verdadeiramente antigos que foram cortados e depois escritos com letras paleo. É importante entender que a Estela de Mesa foi encontrada dez anos depois dessas faixas, também a leste do Mar Morto, em Moabe. Então, isso também era daquela área.

Shapira ficou perturbado com a acusação de falsificação e cometeu suicídio em um hotel de Roterdã em 1884. As próprias tiras de couro foram documentadas na década de 1890 e depois desapareceram. Tem havido muito trabalho sobre isso ultimamente.

Inicialmente, John Allegro escreveu sobre o livro de Shapira chamado The Shapira Affair. Mas ultimamente, isso foi reestudado em sua vida, e alguns estudiosos acreditam que pode ter havido autenticidade em suas afirmações sobre esses pergaminhos. Infelizmente, não houve fotos desses pergaminhos.

Eles estavam muito escuros. Você não conseguia ver a escrita. Aqui estão algumas cópias desses pergaminhos, sua aparência e, claro, o livro de Allegro.

Christian Corder escreveu onde ficava a loja de Shapira. Ele foi novamente um convertido ao cristianismo. Ele era judeu e sua filha escreveu um livro, A Filha de Jerusalém, que era um romance, mas um relato mal disfarçado de sua própria vida.

Os nomes foram alterados, mas você pode saber claramente quem é quem sobre a tristeza em torno desse caso e do suicídio de seu pai. Pouco depois dessa época, um estudioso judeu que morava na Inglaterra e trabalhava na Universidade de Cambridge, Solomon Schechter, tomou conhecimento de uma Geniza na Sinagoga Ben Ezra, no Cairo, no antigo Cairo. Dentro desta Geniza havia manuscritos muito antigos.

Então, Schechter foi à Sinagoga Ben Ezra, no Cairo. Foi restaurado recentemente, uma foto aqui. Esta é a escada que leva ao repositório ou Geniza, onde colocam pergaminhos velhos e desgastados.

Ele pegou apenas pergaminhos esfarrapados e fragmentos de manuscritos, colocou-os em caixotes e os enviou para a Inglaterra, onde passou muitos anos trabalhando neles. Schechter concentrou sua atenção em dois fragmentos de uma obra copiada de uma fonte muito mais antiga que continha o ensino de uma seita judaica extinta chamada Filhos de Zadoque, que existiu por volta do século I a.C. e era liderada por uma figura conhecida como o Professor da Justiça. . Outra cópia desta obra exata foi encontrada mais tarde com o primeiro grupo dos Manuscritos do Mar Morto, Serekh haYahad, ou a Regra da Comunidade e o Documento de Damasco.

Então, Schechter realmente encontrou novamente o que diríamos o mais antigo Manuscrito do Mar Morto apenas no Cairo, e não perto do Mar Morto. Então, como foram encontrados os Manuscritos do Mar Morto? É preciso olhar para o contexto político da sua descoberta e compreender o que estava a acontecer na Palestina em 1946-1948. Esta foi uma época de convulsão e de guerra muitas vezes aberta entre judeus e árabes.

Os britânicos, que tinham mandato sobre a Palestina, estavam no comando e tentavam manter a ordem. Foi muito, muito violento e muito, muito perigoso. Aqui está novamente um carro pegando fogo fora do Portão de Damasco.

Ainda hoje se guardam estas recordações daquela época com estes quiosques fortificados para verificação do trânsito e verificação de documentos das pessoas que passavam. Este é um complexo russo ou uma área próxima à Jaffa Road. Você pode ver a proteção que os britânicos tiveram que erguer, para proteger as barreiras e o arame farpado para se protegerem.

Então, foi uma época muito perigosa para estar na Terra Santa. Foi exatamente nesse momento que a famosa história de dois meninos beduínos que procuravam uma ovelha perdida jogaram uma pedra em uma caverna e, em vez de ouvirem a pedra bater em outra pedra, ouviram o barulho de uma cerâmica quebrando. E assim, eles investigam e encontram vários potes com tampa.

Aqui estão fotos de dois deles lá. E então eles entram pensando que vão encontrar um tesouro. E eles enfiam a mão na jarra e, em vez de tirar ouro, prata ou moedas, tiram um pergaminho muito verde, mofado, longo e enrolado.

E então, eles deixam e contam no fogo naquela noite ao redor da fogueira, contam o que encontraram e voltam, recuperam esses pergaminhos e pelo menos levam um ou dois a Belém para que sejam avaliados. Talvez eles possam vendê-los e ganhar algum dinheiro. Agora, o tempo entre a retirada dos pergaminhos da caverna até que eles os levassem a Belém para que um negociante de antiguidades os examinasse poderia ter sido um longo período de tempo.

E você pode imaginar um Manuscrito do Mar Morto pendurado em uma estaca do lado de fora de uma tenda durante o inverno palestino, novamente, esperando que alguém vá a Belém para pegá-lo e avaliá-lo. Não sabemos quanto tempo durou, mas podem ter sido meses. O árabe que encontrou o beduíno foi Mohamed Ahmed El Hamid ou Adib; o lobo era seu apelido.

E ele foi, tem sido, tentativas de localizá-lo anos depois. E há fotos de diferentes pessoas que afirmam ser ele. Não temos certeza se é real, se é a pessoa real ou não.

A propósito, essa era a caverna número um. Esse é o interior da caverna hoje e a entrada externa da caverna. Assim, a descoberta inicial dos três pergaminhos foi feita por dois ou três beduínos Amir, incluindo Adib, no inverno de 1946, 1947, ou possivelmente antes, devido aos padrões sazonais de pastoreio de seu rebanho.

Então, eles teriam descido naquela área durante a parte fria do ano, o inverno, bem no início da primavera, e depois subiriam para as terras altas, subindo para a região montanhosa ao redor de Belém no final da primavera. Os beduínos trouxeram os pergaminhos para Belém, onde foram mostrados aos lojistas que negociavam antiguidades. Eles foram então reconhecidos como manuscritos hebraicos.

George Isaiah, um lojista, estava convencido de que os pergaminhos eram genuínos e encaminhou o beduíno a um homem chamado Khalil Iskander Shahin, conhecido como Kondo. Kondo, por sua vez, pegou os pergaminhos, deu um adiantamento de cinco libras e os levou para Mar Athanasius, Yeshu Samuel da Igreja Ortodoxa Síria, e um entusiasta amador de manuscritos na Igreja de São Marcos, no bairro armênio de Jerusalém. Ele os comprou na hora por 24 libras e cem dólares, e o negócio foi fechado no final do verão de 1947.

Assim, o primeiro grupo de pergaminhos foi encontrado naquela época mais ou menos intacto e vendido por cem dólares. Samuel tentou obter opiniões de especialistas sobre seus pergaminhos. Ninguém o levou a sério ou aos pergaminhos.

Samuel até viajou com os pergaminhos para Homs, na Síria, onde seu patriarca eclesiástico também os dispensou. Agora, temos que compreender que em Jerusalém, nesta altura, embora houvesse muita tensão e, por vezes, guerra aberta e muita violência, havia muitos estudiosos nas várias escolas. Você teve estudiosos da Universidade Hebraica, teve a escola francesa com estudiosos bíblicos, teve acadêmicos alemães e a escola americana.

E então, ele estava levando isso para alguns desses estudiosos e simplesmente os dispensou. Não há como estes serem pergaminhos genuínos. Eles simplesmente não teriam sobrevivido.

Então, Kondo despachou Shia para encontrar mais pergaminhos e, com os beduínos como guias, mais quatro pergaminhos foram recuperados da caverna. Três deles foram vendidos a outro negociante em Belém por trinta dólares, e dois dos potes encontrados custaram, novamente, a incrível soma de 75 centavos cada. Outro lojista em Belém atuou como agente de vendas desses três rolos e contatou Eliezer Sukenik, da Universidade Hebraica.

E, novamente, Sukenik, lembre-se, foi o primeiro arqueólogo judeu israelense treinado e um dos primeiros pioneiros da arqueologia israelense. Sukenik viajou de ônibus para Belém no mesmo dia em que a ONU votou pela divisão da Palestina para examinar esses pergaminhos. Agora, é importante salientar aqui que o filho de Sukenik, mais uma vez, era Yigal Yadin, que nessa altura era um general israelita, ou devo dizer um general judeu na Haganah, o exército pré-estatal dos judeus na Palestina.

Ele também era arqueólogo. E ele implorou ao pai, não faça isso. É muito perigoso.

Você é um judeu viajando para Belém, uma cidade árabe. Se eles reconhecerem quem você é, você poderá morrer. Mas Sukenik tinha alguns amigos árabes de confiança.

Ele se vestiu com trajes árabes e chegou a Belém e voltou em segurança. Enquanto estava em Belém, ele conseguiu comprar os três pergaminhos para a Universidade Hebraica, consistindo de um pergaminho de Isaías mal preservado e dois pergaminhos sectários, a Guerra dos Filhos das Trevas contra os Filhos da Luz e os Pergaminhos de Ação de Graças. Então, três desses pergaminhos chegaram às mãos dos judeus quase imediatamente.

Assim, o Metropolita Samuel, líder da Igreja de São Marcos, finalmente levou os pergaminhos que estava em sua posse para a Escola Americana. A Escola Americana, que mais tarde se tornou o Instituto Albright, novamente, foi quase toda evacuada. O diretor se foi.

Na verdade, havia apenas dois estudantes lá, William Brownlee e John Trevor. Eles eram estudantes recentes de doutorado. Ele mostrou os pergaminhos para eles.

E eles imediatamente avisaram o professor William Albright, da Johns Hopkins, e de alguma forma conseguiram algumas fotos antigas para ele. E Albright imediatamente respondeu e disse, parabéns pela descoberta do maior manuscrito, a descoberta dos tempos modernos, algo nesse sentido. Ele adorava superlativos e certamente os usava nessa correspondência.

Há ótimas fotos aqui de Trevor e dois padres armênios de São Marcos. Este senhor aqui é Athanasius Samuel, o Metropolita. George Isaiah, creio eu, é essa pessoa aqui.

Mais tarde, ele morreu na violência em Jerusalém pouco depois. O que aconteceu foi que John Trevor era um fotógrafo amador. E então ele imediatamente quis tirar fotos de todos os pergaminhos.

E assim, ele vasculhou Jerusalém novamente, esquivando-se de balas enquanto ia de loja em loja, tentando encontrar o filme. Todos os filmes disponíveis naquela época estavam desatualizados. Estava vencido e não estava correto, mas ele fez o melhor que pôde e conseguiu o melhor filme disponível.

Novamente, em um laboratório fotográfico muito improvisado, retratado aqui, ele tirou fotos de cada coluna de cada pergaminho que conseguiu abrir, dos pergaminhos que o Metropolitano Samuel tinha. Claro, ele foi auxiliado por William Brownlee, que também estava lá. Portanto, a foto à direita realmente captura um dos maiores momentos dos estudos bíblicos modernos.

Esse é um pergaminho de 2.000 anos naquela mesa sendo fotografado por Trevor. E há John Trevor como um homem mais velho. Novamente, essas fotos foram publicadas pelas Escolas Americanas de Pesquisa Oriental, tanto em preto e branco quanto em cores.

E continuam a ser provavelmente a melhor forma de estudar esses textos porque, desde a sua descoberta, deterioraram-se, escureceram e são muito mais difíceis de ler. E as fotografias logo após a descoberta, feitas por John Trevor, realmente capturam um texto muito melhor do que você realmente consegue ver, mesmo que tenha o texto original à sua frente. Este é Kondo, o lojista de Belém ou sapateiro que vendia os pergaminhos e mais tarde foi o intermediário entre os beduínos e os estudiosos à medida que mais e mais fragmentos de pergaminhos eram descobertos.

Agora, este pergaminho aqui realmente parece estar queimado. Está em muito mau estado. Esse é o Gênesis Apócrifo que só foi desenrolado muito mais tarde pelos israelenses e muito mal preservado, mas publicado mesmo assim.

Portanto, havia sete pergaminhos iniciais: quatro estavam na posse do Metropolitano Samuel, e três estavam na posse dos israelenses, ou que em breve seriam israelenses, quando o Estado de Israel foi proclamado em 1948. E Eleazar Sukenik está aqui estudando um dos pergaminhos que ele comprou, bem como um dos jarros, e seu filho Yigal Yadin, muito mais tarde na vida, lendo outro pergaminho chamado Pergaminho do Templo, que ele mesmo publicou. Então, o metropolitano Samuel, o sacerdote armênio que tinha esses quatro pergaminhos, tentou vendê-los depois que a violência diminuiu e o Estado de Israel foi formado e as coisas se acalmaram um pouco dentro e ao redor de Jerusalém.

Ele tentou vários locais para vender esses pergaminhos, mas não teve sucesso. Ele finalmente os trouxe para os Estados Unidos e os colocou à venda no Wall Street Journal. E aqui está o anúncio original: os quatro Manuscritos do Mar Morto, manuscritos bíblicos que datam de pelo menos 2.200 a.C., estão à venda. Este seria um presente ideal para uma instituição educacional ou religiosa, feita por um indivíduo ou grupo.

É difícil de acreditar, mas na verdade esse era o anúncio no Wall Street Journal dos Manuscritos do Mar Morto. Bem, isso foi descoberto e reconhecido em Israel, e o governo israelense queria comprar esses pergaminhos imediatamente. E então Yadin voou para Nova York, Yigal Yadin, filho de Sukenik, e conversou com essa pessoa aqui.

E essa pessoa recebeu o pseudônimo de Sr. Green, e ele seria o especialista que examinaria esses pergaminhos e se certificaria de que eram genuínos. Seu nome verdadeiro era Harry Orlinsky, um estudioso judeu, e ele tinha um ótimo senso de humor. E suas primeiras palavras para Yadin foram: isso seria perigoso? Você precisou de mim para um ataque ou manobra militar perigosa? E Yadin disse, não, precisamos de você para algo mais importante, que é pegar esses pergaminhos.

Então Orlinsky olhou para os pergaminhos e reconheceu que eram genuínos, e foram comprados e levados de avião para Israel. E parte disso está novamente registrado no livro do próprio Yadin sobre os pergaminhos, *A Mensagem dos Pergaminhos*. Assim, do lado israelense, novamente, depois da guerra, a guerra de 1948, Israel controlou a parte sul do deserto da Judéia.

A Jordânia controlava o deserto do norte da Judéia, incluindo a área ao redor de Qumran. E para Israel, houve muitos relatos de beduínos atravessando furtivamente a fronteira da Jordânia e, novamente, atravessando cavernas antigas nos Wadis, subindo para o deserto, subindo para a região montanhosa, e talvez saqueando e encontrando objetos antigos, talvez até pergaminhos. Então, o que os israelitas fizeram foi lançar uma expedição com arqueólogos e pesquisar sistematicamente todos os Wadis ou desfiladeiros do seu lado da fronteira.

E então, se houvesse algum material lá, eles iriam encontrá-lo e guardá-lo dos beduínos, onde talvez fosse colocado à venda, mas fora de contexto, e eles não obteriam tanta informação disso, claro. curso. E assim, uma pesquisa inicial do Nahal Hever, um desses desfiladeiros que sobe para a região montanhosa, mostrou atividade beduína, como pontas de cigarro e lixo que eles deixavam, mesmo nas cavernas mais remotas e de difícil acesso. No entanto, eles perderam materiais, e foram encontrados materiais antigos dos períodos calcolítico e romano.

A região selvagem da Judéia que perdi aqui foi ocupada durante o Calcolítico, a Idade Média do Bronze e a Idade do Ferro, bem como o período romano, por refugiados ou



bandidos que se escondiam das autoridades. Era um lugar onde as pessoas corriam para fugir da sociedade, para se esconder. E assim há vestígios de todos estes períodos no deserto da Judéia, não apenas do início do período romano, quando os Manuscritos do Mar Morto foram ali depositados.

Um testemunho recente de um membro desta equipe inicial sugere que havia na verdade um esqueleto de provavelmente um sacerdote ou membro de uma seita religiosa judaica encontrado em uma dessas cavernas. ele testemunhou isso, mas nada apareceu nos relatórios originais, então não sabemos até que ponto isso é verdade. Então outra expedição foi fundada mais tarde, uma expedição ainda mais completa que cobriu todos esses desfiladeiros no lado israelense da fronteira, e eles foram entregues novamente a uma equipe de arqueólogos, Yigal Yadin, Pesach Baradon, de quem falamos anteriormente, que encontrou todos os materiais do Calcolítico, Yohanan Aharoni e Nachman Avigad. Isto foi um pesadelo logístico devido ao afastamento destes locais, por isso o exército israelense ajudou com logística, suprimentos, helicópteros e outros enfeites, e isso foi realizado por algumas temporadas.

Enquanto isso, no lado jordaniano da fronteira, perto de Qumran, onde os pergaminhos originais foram encontrados, o capitão Aish al-Zebin da Legião Árabe Jordaniana liderou uma expedição com ajuda beduína para encontrar a caverna de Qumran onde os sete pergaminhos originais foram encontrados, e ele teve sucesso e redescobriu aquela caverna. Em seguida, o Departamento de Antiguidades da Jordânia, liderado por G. Lancaster Harding, organizou uma expedição arqueológica para procurar mais cavernas e escavar o sítio de Khirbet Qumran, que novamente ficava perto dessas cavernas, pensando que poderia haver uma ligação entre as ruínas e as cavernas. Isto foi liderado pelo padre dominicano Roland Deveaux da École Biblique et Archéologique Française, ou Escola Francesa de Bíblia e Arqueologia em Jerusalém.

Então, uma instituição de muito prestígio iria escavar o local, e Harding estava encarregado de encontrar mais cavernas e procurar mais pergaminhos. Então, falámos sobre os israelitas, o que estavam a fazer no seu lado da fronteira, e agora sobre os jordanianos, o que estavam a fazer no seu lado da fronteira. O que os beduínos estavam fazendo? Eles reconheceram que havia dinheiro naquelas cavernas e naqueles pergaminhos, então vasculharam toda a área.

Enquanto os franceses escavavam em Qumran e voltavam para casa para comer seus sanduíches de baguete no jantar, os beduínos, que trabalhavam na escavação durante o dia, saíam à noite para encontrar mais cavernas e escavar mais pergaminhos e fragmentos de pergaminhos. Então, foi um momento difícil. Os investigadores, os europeus, fizeram o melhor que puderam para poupar o máximo que puderam, mas os beduínos quase sempre estavam lá à frente deles.

E pergaminhos e fragmentos de pergaminhos continuaram a aparecer no mercado de antiguidades a preços cada vez mais elevados, mas sem contexto. E quando os israelenses e os europeus chegassem a essas cavernas, eles as encontrariam saqueadas e, se houvesse algum pergaminho lá, eles teriam desaparecido. Assim, após a identificação da Caverna 1, foram realizadas escavações naquela caverna, revelando fragmentos de aproximadamente 70 documentos e dois fragmentos de dois dos sete pergaminhos originais.

Então, este é Lancaster Harding aqui, Joseph Millick no meio e depois Roland Deveau. Então, eles tiveram a tarefa enorme de vasculhar essas cavernas e tentar escavá-las. E claro, tudo isso exigia muito dinheiro.

O Departamento de Antiguidades da Jordânia simplesmente não tinha orçamento. Até o Reino da Jordânia estava com pouco dinheiro. E assim, foi necessária ajuda, ajuda internacional de instituições e governos para ajudar nestas escavações e explorações.

E então, é claro, foram realizadas sondagens e escavações em Qumran, na própria Khirbet Qumran, e para procurar conexões entre os manuscritos e o local. E potes semelhantes, potes de rolagem, foram encontrados. Estas escavações foram realizadas até 1956, e depois os israelenses retornaram com escavações realizadas pela Autoridade de Antiguidades de Israel nas décadas de 1990 e 2000.

Portanto, um local fortemente escavado. E isso é, vamos detalhar isso em um minuto aqui. Este é um local de Qumran e algumas das cavernas que você pode ver nas imediações.

Assim, o cenário físico e topográfico de Qumran ficava no topo de um terraço com vista para o Mar Morto, e atrás dele havia uma escarpa que subia até o Vale do Acre. E novamente, durante a estação chuvosa ou a estação chuvosa, no inverno na região montanhosa, a água escorria por aqueles wadis e desaguava no Mar Morto. E assim, os antigos ocupantes de Khirbet Qumran construíram represas e canais para desviar a água durante a estação das chuvas para cisternas dentro do assentamento.

E muitos deles foram parcialmente restaurados. Eles foram reconhecidos e parcialmente restaurados. Assim, mesmo nos meses secos, Qumran tinha água suficiente para beber e tomar banho.

Parece que quando os primeiros arqueólogos foram a este local, ele era bastante remoto, mas havia um sistema rodoviário nesta área na antiguidade. E assim, não era tão remoto na antiguidade como se pensava anteriormente. Khirbet Qumran não foi descoberto por estes arqueólogos.

Era conhecido por uma série de primeiros exploradores da região que mencionaram as ruínas, mas elas simplesmente não foram escavadas naquela época. As escavações em Qumran basicamente esclareceram a sua história, e isto é uma espécie de análise dessa história. O local foi provavelmente estabelecido no século 9 ou 8 aC como um posto fronteiriço fortificado e uma vila, e novamente provavelmente referenciado em Josué 15 e também em 2 Crônicas 26 durante o reinado de Uzias no século 8.

Este foi provavelmente um de seus assentamentos agrícolas paramilitares. Então, aproximadamente em 125 aC, uma seita religiosa judaica ou grupo dissidente reocupou essas ruínas, reconstruiu-as e expandiu-as. Assim, o Qumran onde viviam foi construído sobre as ruínas deste antigo posto paramilitar.

Os membros da seita construíram salões, oficinas e salas de reuniões, bem como um elaborado sistema de cisternas de canais de água e banhos rituais. Novamente, o termo hebraico mikvot e a população aumentaram significativamente durante o reinado de Alexandre Janius, um dos reis hasmoneus. Esta ocupação foi interrompida por um grande terremoto que atingiu a região em 31 a.C., e os danos desse terremoto ainda podem ser vistos hoje quando você visita Qumran.

As rachaduras em um dos mikvehs são um sinal revelador. Finalmente, de aproximadamente 4 a.C. a 68 d.C., Qumran é reocupado pela mesma seita e, em 68 d.C., um exército romano, a 10ª Legião, aproxima-se pelo norte, marchando pelo Vale do Jordão. O site está abandonado naquele momento.

Isto provavelmente ocorre porque os pergaminhos estavam escondidos nas cavernas e o destino dos ocupantes da seita judaica é desconhecido. Eles provavelmente foram mortos ou enviados como escravos. Então, deixaremos nossa narrativa nesse ponto e começaremos na próxima vez continuando nosso estudo dos Manuscritos do Mar Morto.

Esta é uma bela vista aérea de Khirbet Qumran, o assentamento original. Você pode ver algumas das cisternas redondas aqui, que datam do período do Antigo Testamento. Esta é a escarpa, e havia um canal de água que descia de uma barragem, enchendo todas as cisternas aqui e algumas das cavernas aqui e nas imediações.

O Mar Morto está aqui, e a rodovia moderna ao longo da costa oeste do Mar Morto também é visível. Muito obrigado.

Este é o Dr. Jeffrey Hudon em seu ensino sobre arqueologia bíblica. Esta é a sessão 23, Arqueologia e os Manuscritos do Mar Morto, Parte 1.